

CINEMA, PSICANÁLISE E TRANSEXUALIDADE: RECORTES DA EXPERIÊNCIA DO CINE FREUD

M. L. Veras¹; T. I. S. Laboreiro² & C. L. Pereira³

¹Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista do Projeto de Extensão Cine Freud, Cultura e Arte. E-mail: marianalops@hotmail.com; ²Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista do Projeto de Extensão Cine Freud, Cultura e Arte. E-mail: tabatalaboreiro@hotmail.com; ³Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Psicanalista. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise. Coordenadora do Projeto de Extensão Cine Freud, Cultura e Arte. E-mail: cacianalinhaires@gmail.com

Artigo submetido em Agosto/2015 e aceito em Dezembro/2015

RESUMO

O presente trabalho faz uma apresentação geral das atividades do Projeto Cine Freud e discute um dos temas que se constituíram como objeto de discussão em momentos diferentes do projeto: a transexualidade. O Cine Freud tem como finalidade o diálogo com a comunidade através do Cinema e da Psicanálise, sendo a principal atividade do Cine Freud, Cultura e Arte, um Projeto de Extensão vinculado ao Laboratório de Psicanálise da UFC. Visando ampliar suas possibilidades de interlocução, o projeto desenvolve, atualmente,

parcerias com a Casa Amarela Eusélio Oliveira, o Cinema do Dragão - Fundação Joaquim Nabuco, o Projeto Outros Olhares e o Curta o Gênero, discutindo temas de importância social, dentre eles, a transexualidade. Tendo em vista a relevância do debate, apresentamos aqui alguns aspectos destacados nas discussões, articulando Cinema, Psicanálise e o que recolhemos da experiência subjetiva e social daqueles que hoje travam uma discussão em torno do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Transexualidade. Psicanálise. Cinema.

CINEMA, PSYCHOANALYSIS AND TRANSSEXUALITY: SNIPPETS OF EXPERIENCE OF CINE FREUD

ABSTRACT

This paper presents an overall overview of the activities of Cine Freud Project and discusses one among themes that were subject in different moments of it: transsexuality. Cine Freud aims at dialoguing with community through Cinema and Psychoanalysis being the main activity of Cine Freud, Culture and Art Extension Project, which is linked to the Laboratório de Psicanálise da UFC. Aiming at expanding its dialogue possibilities, the project currently develops partnerships with Casa Amarela Eusélio Oliveira,

Cinema do Dragão - Fundação Joaquim Nabuco, Projeto Outros Olhares and Curta o Gênero by discussing issues of social importance, among them, transsexuality. Given the relevance of the debate, we present here some features that were highlighted in discussions by articulating Cinema, Psychoanalysis, and, aspects collected from the subjective and social experiences of those who today are engaged in discussions on the theme.

KEYWORDS: Transsexuality. Psychoanalysis. Cinema.

INTRODUÇÃO

O Cine Freud, Cultura e Arte é um Projeto de Extensão vinculado ao Laboratório de Psicanálise da Universidade Federal do Ceará (UFC), que propõe como escopo de suas práticas o diálogo entre Psicanálise e Arte.

A principal atividade do Cine Freud, Cultura e Arte é o Cine Freud na Casa Amarela, que ocorre semanalmente e, em 2014, teve início o Cine Freud no Dragão do Mar, com uma frequência média de quatro sessões ao ano. Os nomes das atividades são alusões aos dois espaços onde hoje ocorrem as sessões e palestras que caracterizam o projeto. O projeto também constituiu parceria com os projetos “Outros Olhares - Educação em Direitos Humanos, Gênero e Diversidade Sexual” e “Curta o Gênero”, com os quais exhibe e discute filmes que relacionam temas de importância social, como sexualidade, gênero e direitos humanos.

Durante os semestres 2014.2 e 2015.2, junto aos seus parceiros citados acima, o Cine Freud apresentou dois filmes que abordaram um tema em comum, a transexualidade: “Meninos não choram”, exibido em 2014.2, na Casa Amarela Eusélio Oliveira, junto ao projeto “Outros Olhares”, e “Eu, mamãe e os meninos”, exibido em 2015.1, no Cinema do Dragão - Fundação Joaquim Nabuco, em parceria com o “Curta o Gênero”. O presente trabalho apresenta uma discussão sobre a transexualidade, buscando recolher aspectos relevantes dos debates realizados no âmbito do projeto e articulá-los ao que a pesquisa bibliográfica permitiu aprofundar.

Freud, em sua obra intitulada “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, apresenta desenvolvimentos fundamentais de sua concepção sobre a sexualidade, reportando-se a teorizações clássicas e se posicionando em relação a temas centrais nesse âmbito. Esse texto, no qual Freud estabelece uma distinção crucial entre instinto e pulsão, constituiu uma das principais referências para este trabalho, junto com o texto no qual Freud aborda o caso do presidente Schreber (1911) e o livro da psicanalista francesa Catherine Millet, “Extrasexo”, no qual encontramos um debate sobre a transexualidade, que já considera as contribuições de Jacques Lacan.

O Cine Freud, Cultura e Arte, unido aos seus parceiros, ao realizar debates sobre questões que ainda podem ser consideradas tabus no ordenamento social - o que inclui de modo específico o espaço social da academia - tem contribuído no levantamento de problemáticas que constituem nossa experiência comum e no estabelecimento de um debate em torno das mesmas. O presente trabalho visa apresentar aspectos desse debate e constitui, assim, a outra face do projeto, a qual busca sistematizar as discussões ordenando categorias centrais e conferindo-lhes maior alcance teórico.

2 CONTEXTUALIZANDO O DEBATE: PARCEIROS E FILMES

2.1 OS PARCEIROS DO CINE FREUD

A Casa Amarela Eusélio Oliveira é um equipamento cultural da UFC, vinculada à Pró-Reitoria de Extensão. Instituída em 1971, o equipamento oferece cursos nas áreas de cinema, vídeo, fotografia e animação. Os serviços oferecidos contam ainda com laboratório de fotografia, ilha de edição e as salas para os cursos de fotografia, cinema e vídeo. Além do mais, a Casa Amarela dispõe do Cine Benjamin Abraão, com capacidade para 146 pessoas, onde ocorrem, atualmente, as exibições de filmes, seguidos de palestras do Cine Freud na Casa Amarela. Tais sessões ocorrem semanalmente nas quartas-feiras, às 14h (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2015).

O Cine Freud no Dragão do Mar é realizado, como o próprio nome refere, no Cinema do Dragão - Fundação Joaquim Nabuco, localizado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, um dos equipamentos culturais gerenciados pelo Instituto de Arte e Cultura do Ceará (IACC), que recebe o nome fantasia de Dragão do Mar. Construído em uma antiga área portuária, o Centro Cultural Dragão do Mar foi idealizado para ser um local de união entre pessoas, arte e cultura. As sessões do Cine Freud no Dragão do Mar ocorrem numa frequência média de duas sessões por semestre, realizadas aos sábados (CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA, 2015).

A organização não governamental (ONG) Fábrica de Imagens - Ações em Cidadania e Gênero é outro parceiro do Cine Freud, Cultura e Arte. A ONG promove projetos que visam gênero, diversidade sexual e juventude, como os que ocorrem nos projetos “Outros Olhares” e “Curta o Gênero” (FÁBRICA DE IMAGENS, 2015a). O projeto Outros Olhares - Educação em Direitos Humanos, Gênero e Diversidade Sexual, concebido em 2010 pela ONG Fábrica de Imagens, visa iniciativas em educação em direitos humanos, desenvolve formações e eventos, além de materiais informativos e educativos, como meios de pró-affirmação e valorização da diversidade e da equidade (PROJETO OUTROS OLHARES, 2015). O Curta o Gênero também é uma realização da ONG Fábrica de Imagens, tendo como finalidade a discussão das questões de gênero, como o próprio nome salienta, propondo a difusão de estudos e produções acerca dessa temática (FÁBRICA DE IMAGENS, 2015b).

2.2 OS FILMES: EXIBIÇÃO E DEBATE

Em 2014.2, foram realizadas 11 sessões na Casa Amarela - totalizando 1.502 beneficiados - e 01 sessão no Dragão Mar - com um público de 69 pessoas -, o público total, desta forma, foi de 1.571 pessoas. O filme “Meninos não choram”, contou com um público de 174 pessoas. Em 2015.1, o público total foi de 2.042 pessoas. Deste total, 1.563 pessoas participaram das 13 sessões realizadas no Cine Freud, na Casa Amarela, e 479 das 03 sessões do Cine Freud, no Dragão do Mar. “Eu, mamãe e os meninos” alcançou um público de 117 pessoas. Podemos conferir que o Cine Freud durante 2014.2 e 2015.1 atingiu o público geral de 3.613 pessoas e que 291 pessoas constituíram o público que participou das sessões “Meninos não choram” e “Eu, mamãe e os meninos”. As palestrantes foram Regina Nogueira, psicanalista, atualmente atuando junto ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, e Magaly Mendes, psicanalista e atual diretora técnica do Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto (Hospital de Saúde Mental de Messejana).

Baseado em fatos reais, o filme “Meninos não choram” (*Boys don't cry*), é uma produção americana de 1999, lançada no Brasil somente em 2000, e conta a história de Brandon Teena, ou Teena Brandon, que se reconhece homem, mas é reconhecida, por uma referência anatômica, como mulher. A história se desenvolve em uma cidade no interior dos Estados Unidos, em 1993, quando Brandon se apaixona por uma menina com quem acaba se relacionando e, em consequência do preconceito e de sua decorrente violência, acaba sendo assassinado.

No longa-metragem francês “Eu, mamãe e os meninos”, de 2013, que, originalmente, chama-se “Les Garçons et Guillaume, à table!”, Guillaume conta em primeira pessoa e através de cenas que retomam o passado - partindo de recordações da infância e juventude e do modo como se relacionava com sua mãe - as suas descobertas acerca de sua posição sexual. O filme é roteirizado, dirigido e protagonizado por Guillaume Gallienne, que, inclusive, também interpreta o papel de sua mãe.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho teve início com a investigação e análise dos filmes exibidos em 2014.2 e 2015.1 pelo Cine Freud, priorizando aqueles que haviam sido exibidos junto às parcerias do projeto e levando em consideração os temas propostos em suas discussões. Foi exibido no dia 11 de dezembro de 2014, na Casa Amarela, junto ao parceiro “Outros Olhares - Educação em Direitos Humanos, Gênero e Diversidade Sexual”, o filme “Meninos não choram”. O longa é uma produção americana, dirigida por Kimberly Peirce, e baseada na história do transexual Brandon Teena, ou Teena Brandon. A outra obra selecionada para o trabalho foi o filme francês “Eu, mamãe e os meninos”, que foi dirigido, roteirizado e protagonizado por Guillaume Gallienne. A

apresentação do filme “Eu, mamãe e os meninos” foi realizada no Cinema do Dragão - Fundação Joaquim Nabuco, em parceria com o Curta o Gênero, no dia 14 de abril de 2015.

Tendo escolhido a questão transexual como tema de discussão do trabalho e com o intuito de recolher aspectos relevantes dos debates e situá-los em relação à produção bibliográfica sobre o tema, elegemos textos para o início de uma pesquisa mais sistemática. Os textos fundamentais foram: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905) e “Extrasexo”, de Catherine Millot. Neste último, publicado em 1992, a autora vale-se da teoria freudiana e lacaniana para embasar sua fala em relação à transexualidade. A obra relativa ao presidente Schreber (FREUD, 1911) foi referência, embora sua leitura não tenha sido apresentada. Quanto aos materiais, nos reportamos às gravações e sínteses das falas dos palestrantes e dos debates, documentos do outro projeto com o qual o Cine Freud se vincula e de onde se originou o Laboratório de Psicanálise da UFC.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES: ENTRE O CINEMA E A PSICANÁLISE, O DEBATE SOBRE A TRANSEXUALIDADE

4.1 CINEMA E PSICANÁLISE: UM DEBATE SOBRE A TRANSEXUALIDADE

Nos filmes “Meninos não choram” e “Eu, mamãe e os meninos”, os protagonistas afirmam pertencer ao gênero oposto ao que lhe é biológico, com isso, apesar de não ser mencionada tal denominação durante os longas, seriam Brandon e Guillaume transexuais. Entendemos como transexualidade a experiência subjetiva (que é, a um só tempo, social) onde o sujeito, pertencendo biologicamente a determinado gênero, se reconhece, no entanto, no gênero oposto.

De saída, lembremos que a referência mesma às duas noções - de biológico e de gênero – são construções discursivas, passíveis de interrogação. Nos referimos, portanto, ao que popularizou-se na definição do termo transexualidade, partindo do que é comum na direção dos móveis que sustentam essas falas. Encontramos, assim, uma espécie de não identificação ao sexo que deveria lhe corresponder, uma ideia de que a fala do sujeito não corresponde à sua realidade anatômica ou biológica: “Essa não identificação com os atributos biológicos pode se transformar em um desconforto ou até mesmo uma estranheza tal, levando à cirurgia, alterações cirúrgicas, hormonais e até mesmo à cirurgia dos genitais [...]” (CONFERÊNCIA NACIONAL DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS - GLBT, 2008, p.21).

Brandon é um dos mais notórios transexuais apresentados pelo cinema. Schreber, uma biografia estudada por Freud (1911/1996), é, na Psicanálise, a mais famosa narrativa onde a

transexualidade comparece, como uma das nuances da experiência de Schreber. Catherine Millot (1992, p.24) destaca que os primeiros transexuais investigados por psiquiatras e sexólogos aproximavam-se da psicose, no entanto:

Do ponto de vista psicanalítico, a presença ou ausência de sintomas situados ao nível da psicose através de uma classificação psiquiátrica não deveria ser decisiva. Uma definição estrutural da psicose relega ao segundo plano o aspecto sintomático. Em outras palavras, a ausência de sintoma psicótico não exclui necessariamente a existência de uma estrutura psicótica. Por outro lado, a presença de dado sintoma não fornece, em si, indicação estrutural (MILLOT, 1992, p.23).

O comparecimento de um fenômeno – a transexualidade – na psicose se relaciona ao fato de as teorizações sobre a transexualidade abarcarem esse campo – da psicose – mas também levou a debates profícuos na distinção deste fenômeno, que pode comparecer em experiências subjetivas muito diversas. Em outras palavras, ser rigoroso ao interrogar o estatuto da transexualidade na psicose não implica em reduzir a transexualidade ao campo das psicoses.

Se nos “Ensaio sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud postula a pulsão num reviramento subversivo da noção de instinto, é porque na base deste postulado existe a tese de uma inadequação estrutural entre sujeito e objeto. Se o objeto não é mais aquele que corresponde “naturalmente”, “instintivamente”, ao sujeito, qualquer referência a uma adequação, como norma, será interrogada. Millot (1992, p.27), ao abordar a transexualidade, o transexo, vale-se de formalizações oferecidas por Lacan, situando a transexualidade nos termos da metáfora paterna - como prelúdio da estrutura - e das fórmulas da sexuação.

Recorrendo ao Complexo de Édipo e sua tradução lacaniana nos termos das operações de linguagem, Millot retoma: o Édipo é quando ocorre a substituição de um significante, o desejo da mãe, por outro significante, o Nome-do-Pai. O desejo da mãe é um grande enigma para a criança, ele seria o motivo pelo qual a mãe se ausenta do bebê e o dota de angústia: “As próprias crianças se comportam, desde cedo, como se sua afeição pelas pessoas que a assistem fosse da natureza do amor sexual. A angústia das crianças não é nada além da expressão da falta que sentem da pessoa amada [...]” (FREUD, 1905/1976, p.213).

Para assegurar o cuidado da mãe por ela, a criança tenta solucionar esse enigma e igualar-se ao desejo da mãe, com intenção de que ela não torne a ir embora. Isto posto, o pai se encontraria como detentor do falo e do desejo materno, como este ponto além que, intervindo como terceiro, materializa a impossibilidade de continuidade subjetiva entre mãe e filho. O pai, mais além, sustenta como puro significante a significação do desejo da mãe, que nesta operação se produz, dialeticamente, como inacessível. É por meio desta operação que é designado o símbolo fálico: símbolo que nomeia e interdita o objeto faltoso e desejoso da mãe.

Por fim, o desejo da mãe irá, para a criança, substituir o Nome-do-Pai, sendo uma resposta ao enigma e arremate decisivo das significações. O sujeito, como resultado desta operação metafórica, irá então produzir versões do desejo da mãe, versões do desejo do Outro. Quando a existência de um sujeito é reconhecida, este reconhecimento se faz a partir desta pergunta fundamental dirigida ao Outro - o que queres? - e não de uma afirmação de si que prescinde do campo do Outro e se autoevidencia.

De acordo com Millot (1992, p.31), “a estrutura do inconsciente comporta, com efeito, quatro termos significantes de base: a mãe e a criança, o pai e o falo”: diante da falta do pai, a criança e a mãe estabelecem uma relação sem interdições, na qual a criança se identifica com o lugar do falo que falta a mãe. Quando o fenômeno da transexualidade é abordado no campo das psicoses, retoma-se a noção de que, na carência do significante do Nome-do-Pai, nomeada por Lacan de foraclusão, o sujeito vem por representá-lo: “Esta foraclusão comporta uma quantidade de consequências, algumas das quais estão em relação com a posição transexual.” (MILLOT, 1992, p.30).

É por dever ser o falo, escreve Lacan, que o paciente será destinado a tornar-se uma mulher [...]. Certamente, a adivinhação do inconsciente muito cedo advertiu o sujeito que, na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens (MILLOT, 1992, p.31).

Outra formalização de Lacan apresentada por Millot (1992, p.33) possibilita a classificação do sujeito em quatro proposições, dependendo do modo como este se relaciona com o falo: “Com efeito, qualquer que seja o sexo biológico, é a posição de cada um com relação ao falo que os situa como homem ou como mulher” (MILLOT, 1992, p.33). Teríamos as afirmativas principais de que *todos os homens tem falo* - ou *todos os homens estão sujeitos a castração* - e a de que *todas as mulheres não tem falo*.

No entanto, para se constituir como verdadeira tal indicação deve ter um oposto. No caso da masculina, o oposto é dado por *Um que diz não a função fálica*. Esse último seria o lugar da Lei, o lugar do pai primitivo freudiano. No feminino, essa negação pode ser expressa de diferentes formas - seja na ausência da ameaça da castração ou na inscrição da proibição do incesto, esses resultariam no formato *elas não estão todas submetidas à função fálica*. A psicose estaria, então, muito próxima desse último: “a ausência de limite à função fálica, a ausência de interdição do incesto, dois termos que devem ser entendidos como a carência daquilo que desencorajaria o sujeito a se identificar com o falo imaginário [...]” (MILLOT, 1992, p.36):

O sujeito, identificado imaginariamente ao falo, sofre um efeito de feminização, que Lacan nomeou empuxo à Mulher. Encarnando A Mulher, procurando ser mais mulher que todas as mulheres e valendo-se por todas, mulher fora da castração, o sujeito situa-se na mesma lógica do pai primitivo, do gozo do pai freudiano da horda primitiva. Esta Mulher seria um dos Nomes-do-Pai (LEMOS; LINHARES, 2011, p.2).

[...] A posição transexual, no homem, suporia assim dois momentos, à primeira vista, difíceis de distinguir, pois o primeiro corresponde à posição feminina induzida pela carência do Nome-do-Pai, e o segundo consiste em encontrar como limite, como suplência à função paterna, a feminidade sob a forma da Mulher impossível (MILLOT, 1992, p.37).

Segundo Millot (1992, p.36), “a feminização induzida pela psicose é um fenômeno clínico que a observação confirma. Entretanto, a transexualidade é algo mais específico, que é necessário ser circunscrito”. É neste ponto que, historicamente situada em relação à psicose, a posição *trans* passa a constituir um campo múltiplo e aberto, inscrito na diversidade e na singularidade da sexualidade. Em Schreber - em sua experiência - não há a expressão de uma mulher presa em um corpo de um homem, como é comum nas falas de alguns sujeitos: a transformação feminizante a qual sofrerá era parte da constituição do delírio e devemos diferenciá-la da posição transexual “enquanto contém a convicção de ser uma mulher num corpo de homem (ou inversamente)” (MILLOT, 1992, p.36).

No filme “Meninos não choram”, o personagem de Brandon demonstra, desde a primeira cena, um desconforto em relação a seu corpo: ele está em frente ao espelho e coloca uma meia dentro da calça para que insinue um pênis. Há também o incômodo em relação aos seios, que ele enfaixa apertadamente para que não se sobressaiam à camisa. Entretanto, o momento em que esse desconforto de Brandon, que pode ser somado a uma vergonha em relação ao próprio corpo, toma o maior destaque é quando, a princípio, ele impede que Lana, sua parceira, toque seu corpo, permanecendo vestido durante toda a relação sexual e, ademais, utilizando um pênis de borracha para satisfazê-la. Essa posição, diferente da de Schreber, nos remete à afirmação de que, se a transexualidade não constitui estrutura, também encontramos transexuais que não apresentam esta certeza em relação a seu ser mulher:

Para estes sujeitos, há certa hesitação quanto à sua posição, além de uma referência ao Outro sexo quando se trata de definir o seu: *Na Dinamarca me fiz sereia. (...) Quem nos faz mulher é o homem. Mesmo quando este homem também nos quer como homem. É um momento sublime de troca de identidades. O eu masculino pelo eu feminino, e vice-versa. Mas eu só me sinto mulher quando estou ao lado do homem que amo* (RUDDY apud BITTENCOURT, 2003).

[...] Abordando a questão do lado da menina, trata-se, neste caso, de agir “como” autênticos homens, partilhando do universo dos homens. Na transexualidade feminina, a menina pode querer ser reconhecida e amada como homem [...]. Brandon é sedutor, amante das mulheres, mas, desta posição, o feminino está excluído? (LEMOS; LINHARES, 2011, p.3).

Estas considerações nos levam a pensar em posições subjetivas onde o feminino não está excluído ou recusado, e, aqui, o feminino equivale ao Outro sexo, à alteridade. Se a transexualidade pode estar referida a uma experiência onde a relação com a alteridade é problemática, como no

caso das psicoses, também pode estar referida a posições subjetivas que se dirigem ao Outro do sexo. Millot, em seu livro justamente intitulado “Extrasexo”, nos apresenta a história de Gabriel, um transexual feminino que “não pode, contudo, ser uma mulher, diz ele, e como não há um terceiro sexo, deve-se arranjar no lado do homem.” (MILLOT, 1992, p.109).

Uns querem ser A Mulher, outros, ser *um* homem. A assimetria parecia evidente. Ora, depois de ouvir as mulheres transexuais, em particular Gabriel, preferiria assinalar o parentesco da posição dos transexuais dos dois sexos, no que concerne à relação com o falo e ao que ele encarna de extrasexo, e mesmo de extracorpo (MILLOT, 1992, p.119).

O terceiro sexo citado por Catherine Millot é onde poderia estar, então, a transexualidade. Podemos recolher de algumas falas o sentimento de pertencer ao gênero oposto ao seu, como a exigência de pertencerem plenamente ao sexo oposto. No entanto, há aqueles que, mesmo após realizarem o que apostaram ser o último passo da modificação sexual, não se sentem completamente confortáveis com seu corpo. É devido a relatos como esses que Millot (1992) propõe a ideia de terceiro sexo: o extrasexo, o extracorpo, que se colocaria entre o feminino e o masculino. Esta seria uma das possibilidades da posição trans.

Brandon e Guillaume, protagonistas de “Meninos não choram” e “Eu, mamãe e os meninos”, são reconhecidos, respectivamente, como mulher e como homem, no entanto, se reconhecem como homem e como mulher. Este é o ponto de partida dos filmes, que logo se apresentam diferentes: se o reconhecimento de Brandon como homem vai ser construído e sustentado ao longo do filme, Guillaume irá escutar, aos poucos, seu amor pelas mulheres. O que Guillaume escuta é que, na história do seu amor pelas mulheres – e a esta altura do filme ele se diz homem – há uma história fundamental: a história de seu amor por sua mãe. A história de seu amor por sua mãe, que é a história do amor de sua mãe por ele lhe fez “ser, por vezes, como ela”, na tentativa de não perdê-la, na tentativa de que ela não lhe perdesse. Em relação a Brandon, o sujeito mais se interessa em ser visto como homem, ser amado como homem e, principalmente, amar como um homem, colocando-se junto a esse masculino, posicionando-se como homem em relação ao falo. No filme “Meninos não choram” isso fica evidente no enlace amoroso de Brandon com Lana. Vemos aqui o mesmo “fenômeno”, mas experiências distintas, porque singulares.

5 CONCLUSÃO

Guillaume, do filme “Eu, mamãe e os meninos”, se preocupava com as roupas e com o modo de agir, feminizando tais atitudes, no entanto, não demonstrando sinais de aborrecimentos quanto ao próprio corpo, e, apesar de se apresentar como menina, sua conformidade com seu corpo poderia não posicioná-lo como transexual, fato que é confirmado ao final do filme. O mal-estar

relacionado à aparência física, como em Brandon, pode ser gradativamente apaziguado através de hormônios, cirurgias plásticas e, principalmente, no caso da transexualidade masculina, da cirurgia de redesignação sexual.

Segundo Rinaldi (2011, p.446), a cirurgia pode surgir como “a possibilidade de reintegrá-lo ao “verdadeiro ser” do sujeito, ser este definido a partir da certeza de pertencer ao Outro sexo, que, todavia, se sustenta no próprio imaginário do corpo.”. Em algumas solicitações de intervenção cirúrgica “trata-se de encarnar A Mulher, como resposta à forclusão do Nome-do-Pai. Desta forma, a mudança de sexo contribuiria para a estabilização do sujeito.” (LEMOS; LINHARES, 2011, p.2).

No entanto, como vimos, esta é uma das possibilidades da experiência trans, que cobre também um campo de posições subjetivas onde o feminino não está excluído ou recusado, estando o sujeito referido ao Outro sexo, à alteridade. É em busca de remodelar seu corpo que muitas transexuais saem de seu país de origem, para fazer intervenções em outros países. Tal fenômeno migratório é narrado por Alexandre Vale (2005) em sua tese de doutorado intitulada “O voo da beleza: travestilidade e devir minoritário” e no documentário, também dirigido por Vale, “O Voo da Beleza”, exibido no Cine Freud da Casa Amarela, em 2013, e debatido por Orlando Cruxen.

Este documentário será trabalhado, no âmbito do projeto, na linha de continuidade do presente trabalho. O longa-documentário retrata, nas falas das transexuais e travestis que apresenta, não só suas procuras pela apropriação do próprio corpo, como também os sofrimentos e as violências, físicas e morais, que enfrentam por serem transexuais:

Uma vez que o “processo de feminilização” via hormônio, silicone, e próteses passa a ter lugar, um longo aprendizado de si tem início: pedagogia da voz e dos gestos para “dar corpo” (portanto, fazer nascer) a imagem que se pretende ter de si, mas que precisa ser negociada com a injúria e a violência no mundo social (VALE, 2005, p.158).

Brandon Teena, transexual feminino que inspira a personagem de “Meninos não choram”, foi espancada, estuprada e assassinada nos EUA em 1993. Os crimes foram cometidos por dois homens que, ao descobrirem que Brandon é do sexo feminino, mas se comportava como homem, decidem violentá-lo, matando-o após Brandon denunciá-los a polícia. A transexualidade é, antes de tudo, uma posição que desperta grandes violências. Quando falamos que desperta, queremos indicar uma pergunta: o que se passa quando a posição do outro desperta algo da ordem do intolerável? Nesse sentido, a questão da recusa à alteridade se coloca do lado daqueles para quem essa presença precisa ser destruída. Quando “brancos” matam um “negro”, quando “homens” matam uma “mulher que quer ser homem”, quando “carecas paulistas” matam um nordestino, que estranha recusa estaria na base desse ódio?

A transexualidade, assunto e experiência tabu, tem também produzido, hoje, movimentos e falas que trazem para a academia e para as ruas uma interrogação fundamental sobre o estatuto do sexo e da violência que lhe é correspondente. Quando iniciam o “processo de feminilização”, como menciona acima Vale (2005, p.158) ou, no caso dos transexuais femininos, um processo de “partilhamento do universo masculino”, como referem Lemos e Linhares (2011, p.3), a violência aumenta, moral e fisicamente, vinda muitas vezes dos próprios familiares e amigos, mas, em sua base de autorização social, por um ordenamento complexo que autoriza a expressão violenta do ódio à diferença, outro nome da alteridade.

Por fim, gostaríamos de observar a importância destes debates no âmbito da Universidade, o que nos leva a insistir na realização das sessões, dos debates, assim como na promoção de outros espaços de estudo e discussão. Também tem se revelado importante a participação cada vez maior, no Cine Freud, de um público diversificado, vinculado não só à Universidade ou ao Curso de Psicologia, mas a outros espaços da cidade.

REFERÊNCIAS

CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA. **Instituto Dragão do Mar**. Disponível em: <<http://www.dragaodomar.org.br/espacos.php?pg=instituicao>>. Acesso em: 25 set. 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE GAYS, LÉSBICAS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS - GLBT, 1., 2008, Brasília. **Anais da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais - GLBT**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2008. 290 p.

FÁBRICA DE IMAGENS. **Quem somos**. Disponível em: <<http://fabricadeimagens.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 25 set. 2015a.

FÁBRICA DE IMAGENS. Curta O Gênero. **Sobre**. Disponível em: <<http://fabricadeimagens.org.br/curtaogenero/sobre/>>. Acesso em: 25 set. 2015b.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Edição standard das obras completas de Sigmund Freud**, vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*) (1911). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LEMOS, R.; PEREIRA, C. L. . Boy’s don’t cry: amor e transexualidade feminina. In: I Congresso Latino-Americano de Psicanálise na Universidade, 2011, Rio de Janeiro. **Atas do I Congresso Latino-Americano de Psicanálise na Universidade**, 2011. v. 1.

MILLOT, C. **Extrasexo**: ensaio sobre o transexualismo. São Paulo: Escuta, 1992.

PROJETO OUTROS OLHARES. **Apresentação.** Disponível em: <<https://projetooutrosolhares.wordpress.com/apresentacao/>>. Acesso em: 25 set. 2015.

RINALDI, D. O Corpo Estranho. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 440-451, set. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Cultura e Arte. Equipamentos Culturais. **Casa Amarela Eusélio Oliveira.** Disponível em: <<http://www.ufc.br/cultura-e-arte/equipamentos-culturais/2047-casa-amarela-euselio-oliveira>>. Acesso em: 25 set. 2015.

VALE, A. F. C. **O voo da beleza:** travestilidade e devir minoritário. 2005. 308 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2005.